

EMOÇÕES RESULTANTES DA LEITURA DE “A CARTOMANTE”, DE MACHADO DE ASSIS

Augusto Gaioski*

RESUMO: O objetivo do trabalho consiste em analisar a maneira como se estrutura a ação em “A Cartomante”, conto presente em *Várias Histórias* (1896), de Machado de Assis (1839-1908), de maneira a produzir no leitor temor, compaixão e, finalmente, alívio das tensões. Conceitos como “encadeamento dos acontecimentos, das personagens e das suas motivações”, “falha trágica” atuarão como suporte para a compreensão das emoções resultantes da leitura do conto machadiano. Rita e Camilo são amantes. Vilela, marido de Rita e amigo de Camilo, descobre a traição e chama Camilo à sua casa. Temeroso, Camilo visita uma cartomante. Esta o tranqüiliza. Camilo vai sem medo à casa do amigo e, lá chegando, depara-se com Rita morta. É assassinado pelo amigo. O leitor acompanha o “encadeamento dos acontecimentos, das personagens e das suas motivações”, bem como se depara com a “falha trágica” das personagens. Resta-lhe, ao final do conto, depois de ter acompanhado com temor o desenvolvimento da trama, depois de ter sentido compaixão dos amantes, o alívio das tensões.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, “A Cartomante”, emoções do leitor.

EMOTIONS RESULTING FROM THE READING OF “ THE FORTUNE-TELLER”, FROM MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: The aim of this study is to analyse the way by means of the action is structured in the short story “A Cartomante” (The fortune-teller), present in *Várias histórias* (1896), by Machado de Assis (1839-1908), so that produce in the reader fear, compassion, and, finally, the tension’s relief. Concepts like “ chaining happenings, characters and their motivations ”, and the “tragic fault” will act to favour the emotions comprehension that results from Machado de Assis short story reading. Rita and Camilo are lovers. Vilela, Rita’s husband and Camilo’s friend, discovers the treachery and calls Camilo to his house. Fearful, Camilo visits a fortune-teller. She tranquilizes him. Camilo goes without fear to his friend’s house, and, there coming, he finds Rita dead. Then his friend kills him. The reader follow the “ chaining happenings, characters and their motivations ”, as well as he finds himself in front of the characters “tragic fault”. It remains him, at the end of the tale, after he has going along with fear the development of the plot, after has felt lover’s compassion, the tension’s relief.

KEY-WORDS: Machado de assis, “ The fortune-teller”, Reader’s emotions.

INTRODUÇÃO

A pretensão deste estudo sobre o conto “A Cartomante”, de Machado de Assis, é analisar a maneira como se estrutura a sua ação e como ela produz o temor, a compaixão e, finalmente, o alívio das tensões. Conceitos como “encadeamento dos acontecimentos, das personagens e das suas motivações”, “falha trágica” atuarão como suporte para a compreensão das emoções resultantes da leitura do conto. Três pontos básicos fundamentam, pois, esta análise: o enredo, as personagens e o sentido do texto.

A LEITURA

O seu enredo consiste num assunto trivial de um caso de adultério entre Camilo e Rita, a mulher do seu melhor amigo: Vilela. Camilo conhece Rita, já casada. Tornam-se amigos íntimos e, dessa relação de amizade, surge o delito. A idéia de que Vilela desconfia do caso afasta Camilo, temporariamente, da frequência à casa do casal. Camilo recebe um bilhete de Vilela para que vá, com a maior urgência, à sua casa. Estando a caminho da casa de Vilela, resolve consultar a cartomante. A cartomante, pela interpretação das cartas, devolve-lhe a sua

paz de espírito. Assim Camilo chega tranqüilo à casa do seu amigo. Inesperadamente, o desfecho choca o leitor pela forma trágica com que se realiza: “Vilela pegou-o pela gola e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão”¹

A abertura do conto apresenta uma atmosfera de tensão misteriosa que leva o leitor a experimentar uma sensação de inquietude diante do vaticínio expresso pela “bela Rita ao moço Camilo”:

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.²

Este vaticínio de acontecimentos trágicos, diferindo apenas nas palavras de Rita, explica a atmosfera dramática que se desencadeia na ação do conto. A citação de “numa sexta-feira” talvez não tivesse qualquer significado se estivesse em outro contexto. Entretanto aqui ela está vinculada ao conteúdo da citação de Hamlet que prevê acontecimentos trágicos no

* Augusto Gaioski é mestre em Literaturas Vernáculas e professor de Literatura na UNIPAR

¹ Machado de Assis. *Várias Histórias*. “A Cartomante”. São Paulo: Mérito, 1959. p. 25.

² Idem. p. 9.

reino da Dinamarca na tragédia de Shakespeare. No contexto brasileiro, mais precisamente no do Rio de Janeiro, onde a ação do conto se realiza, “sexta-feira” conota presságios de acontecimentos desagradáveis.

Machado de Assis insere a personagem de Rita nesse processo trágico, porém, fá-lo de uma maneira “que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar”³, se iluda, depositando o seu destino na adivinhação da cartomante. “A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita”⁴.

Sorradeira como uma serpente, Rita envolve o seu amigo Camilo e, como diz o texto, “pinga-lhe o veneno na boca”. Ele fica atordoado e subjugado. “Vexames, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrupulos!”⁵ A transformação se processa rapidamente. Do medo, Camilo passa ao delírio do prazer! O “erro” se estabelece. Ele fica deslumbrado com a sua própria situação e, por isso, caminha para a fatalidade. O leitor é o único que, no momento, pode perceber um desenlace trágico, embora ainda não o tenha claro. Vem o temor, o sobressalto sobre o que pode acontecer aos amantes. Mas tudo parece dissolver-se em nada:

*Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quanto estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.*⁶

Há uma expectativa sobre esta acomodação. As personagens parecem indiferentes a tudo que as rodeava, “pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer”. O descuido, a probabilidade da surpresa, a emoção do prazer dos amantes que assumem o adultério inescrupulosamente, a passividade da vítima da traição, tudo parece diluir-se no ar. Até o sentimento de culpa desaparece. Se Camilo é um “ingênuo na vida moral e prática”, Rita “era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita”⁷. Entretanto, com relação a Vilela, pode se dizer que desperta no leitor uma atitude de piedade: o homem inocente traído sem razão e traído pelo seu melhor amigo e pela sua esposa “formosa e tonta”. A união dos três exclui Vilela, ou melhor, golpeia-o tragicamente.

A ação do conto se desenvolve num encadeamento gradativo de acontecimentos, que vai aprofundando a tensão. Machado de Assis estrutura-o perfeitamente. Cada parte é perceptível ao leitor:

Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos,

*recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pode ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilheteinho. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo⁸. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.*⁹

Até aqui o conto retrata a situação histórica: “Até aí as cousas”. Agora, porém, iniciando narração das ações das personagens, mostra como o leitor é motivado a sentir com os amantes a sensação do deleite. Ao descrever as suas paixões, imprime nelas não apenas o sentimento dos protagonistas, mas inclui a humanidade toda: “Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam”.

O carro de Apolo incendeia as paixões. Aí toma corpo o processo da tensão, o processo da busca do alívio das paixões, mas que está amarrado por uma espécie de silêncio. Camilo recebe uma carta anônima, que lhe chama imoral e pérfido. Há um desencadeamento de nova ação que corporifica o temor do futuro. A carta diz que a aventura é sabida de todos. O medo se apodera de Camilo. Há uma solução aparente: rrear a visitas à casa de Vilela para desviar as suspeitas. A ausência é notada. A justificativa do amante induz para o reconhecimento: “o motivo era uma paixão frívola de rapaz”. Machado de Assis, inteligentemente, completa: “Candura gerou astúcia”. Há uma caricatura nesse procedimento.

A paixão frívola agita o coração de Rita que, medrosa e desconfiada, procura a cartomante para saber as razões do procedimento de Camilo, o seu amante. Esta atitude é semelhante àquela da tragédia grega em que o homem, incapaz de resolver as suas questões, apela ou deixa por conta dos deuses a solução dos seus problemas. Há uma ilusão diante do destino. Camilo recebe mais duas ou três cartas anônimas, “tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente”, conforme a visão de Rita. Camilo tem a noção da “catástrofe” irreversível. “temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio.”¹⁰ O ritual lento e silencioso da tragédia tem a sua seqüência nos conflitos criados anteriormente: “Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado”. Desencadeia-se nova “deliberação” à procura de solução. Optam pelo distanciamento: “aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas”¹¹. Simultaneamente, o conto conduz o leitor à convicção de que o silêncio de Vilela é mais expressivo que qualquer palavra que se possa extrair da sua boca. Ele provoca uma atmosfera de terror. Ninguém sabe de onde vêm as cartas anônimas. Pressupõe-se serem dele. Nada se sabe sobre a sua conduta diante da situação do

³ Machado de Assis. *Várias histórias*. “A cartomante”. São Paulo: Mérito, 1959, p. 10.

⁴ Idem, p. 10.

⁵ Idem, p. 14

⁶ Idem, p. 14.

⁸ Junito de Souza Brandão. *Mitologia Grega*. vol. II. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 83 -111. Apolo, segundo a mitologia grega, é filho de Júpiter e Latona, irmão de Diana. Conduzia o carro do Sol

⁹ Machado de Assis. *Várias histórias*. “A cartomante”. São Paulo: Mérito, 1959, p. 13-14.

¹⁰ Machado de Assis. *Várias Histórias*. “A cartomante”. São Paulo: Mérito, 1959. p. 15.

¹¹ Idem, p. 16.

trágico em que os amantes o colocam. O silêncio de Vilela é dramático. Albin Lesky afirma:

Somente quando temos a sensação do Nostra res agitur, quando nos sentimos atingidos nas profundas camadas de nosso ser, é que experimentamos o trágico. Sem dúvida, para a obra trágica importa pouco que o ambiente em que se desenrola a ação seja especialmente digno de fé, ou que um sutil pincelamento psicológico procure aproximar as figuras o mais possível de nós. O efeito da grande arte trágica rege-se por outras leis e subtrai-se, em larga medida, do tempo.¹²

Essa experiência parece ser experimentada por Vilela. Ele se sente atingido profundamente no seu ser, na sua *res*, e age. E o efeito se faz revelar no processo temporal: “No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: ‘Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora’”. A ação começa a acelerar-se “já, já.” A sensação dramática toma conta de Camilo: “tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula.” Os temores se apoderam dele, o sentimento de pena recai sobre “Rita subjugada e lacrimosa”. Há um concurso cada vez maior para a tragédia:

Imaginarmente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando.¹³

Camilo, imaginando “Vilela indignado”, sente já o seu destino certo, contudo, o orgulho humano que carrega no seu peito não o deixa recuar (“repugnava-lhe a idéia de recuar”) e ele vai enfrentar a sua sorte. Sente, pela primeira vez, que as palavras de Vilela “vem, já, já,” têm um “tom de mistério e ameaça.” Tudo converge para o desenlace: “a comoção crescia de minuto a minuto”. O medo toma conta de todo o seu ser. O tempo que, até então, não significava muito, “voava, e não tardaria a entestar com o perigo”. A cartomante, diante de cuja casa se encontra agora, embora antes nada lhe significasse, torna-se um motivo de esperança e de fé na resistência ao destino. “Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.” As velhas lembranças, as superstições, as suas crenças retomam o seu lugar: “era a idéia de ouvir a cartomante”. A idéia do destino fá-lo acreditar-se destruído. Nada se lhe explica. “Ele via as contorções do drama e tremia”. Está tomado pelo terror. Terror que só o erro pode explicar-lhe. Toda a ação do conto, como num ritual místico, se acelera. Os acontecimentos se sucedem num processo dramático sempre mais intenso, produzindo uma sensação de terror diante do destino que aguarda a personagem, ao mesmo tempo que provoca no leitor um profundo sentimento de compaixão pelo estado trágico em que se encontra Camilo. Percebe o leitor que tanto Camilo

quanto Rita cometem uma falha a qual, em breve, deve levá-los à desgraça. A paixão dos amantes resulta em frustração e isto faz com que eles e o leitor pressintam o seu desfecho irreversível.

“O senhor tem um grande susto...” e quer saber, continuou ela [a cartomante], se lhe acontecerá alguma coisa ou não...” As palavras da cartomante são decisivas para convencê-lo de que nada lhe vai acontecer: “nada aconteceria nem a um nem a outro.” Acontece o alívio, aquele alívio que acalma as paixões e redime o erro de quem o comete: “A senhora restituiu-me a paz ao espírito”. Camilo sente-se totalmente purificado, purgado da culpa. A inadvertência retoma o seu lugar:

chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo!¹⁴

Ao rir dos seus receios, Camilo ironiza a sua própria desgraça, cujos temores, embora aparentemente desapareçam, o perturbam. “Por que [a cartomante] não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro”¹⁵. Esta frase ratifica a sua consciência do trágico. Vaticina a sua tragédia. Vive por uns instantes a glória do herói vencedor. Pura ilusão. Cria-se uma atmosfera dramática.

O silêncio da casa de Vilela revela toda a trama e a tragédia se consuma.. O leitor, compadecido pelos amantes, sente o alívio das tensões provocadas pelos acontecimentos trágicos, embora reconheça no desfecho uma solução triste, mas justa. Opera-se a catarse aristotélica.

CONCLUSÃO

Machado de Assis aponta - e o leitor deve ter percebido isto - a *falha* do herói trágico: ele paga o seu erro por descon siderar as suas próprias crenças e por procurar na cartomante a solução do seu destino, quando, de fato, ele estava nas suas mãos. Os gregos atribuíam a fatalidade à vontade dos deuses. Camilo, como que parodiando aquela atitude, acaba colocando o seu destino nas mãos da cartomante que nada significa para ele. A paixão que devora ambos, Rita e Camilo, condu-los à morte. Na história, na crença e nas ações das personagens está o sentido da vida. Vilela, Camilo e Rita: um trio ligado pelo silêncio trágico. Rita e Camilo procuram o sentido da vida na figura da cartomante. Vilela, cuja voz silencia, deposita a sua vingança nas cartas anônimas e na morte dos traidores. Nenhuma palavra, no final. Apenas o ato da vingança.

A fatalidade do destino, que destrói as personagens do conto e sensibiliza o seu leitor, remete para o início evocativo do conto: “Quanta coisa existe, entre o céu e a terra, que foge ao alcance do falso saber de uma pobre cartomante”¹⁶.

BIBLIOGRAFIA

- ¹² Albin Lesky. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 33.
¹³ Machado de Assis. *Várias histórias*. “A cartomante”. São Paulo: Mérito, 1959. p. 17.
¹⁴ Machado de Assis. *Várias histórias*. “A cartomante”. São Paulo: Mérito, 1959. p. 23.
¹⁵ Idem., p. 24.
¹⁶ Wagner da Rocha Sena. “Análise do conto *A cartomante*”. *Veredas* 6 (1990): p. 39.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. vol II. Petrópolis: Vozes, 1987.

SENA, Wagner da Rocha. “Análise do Conto ‘A Cartomante’”. *Veredas* 6 (1990): 37-41.

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

MACHADO DE ASSIS. *Várias Histórias*. São Paulo: Mérito, 1959.